

O que dizem os autistas?¹

Iván Ruiz Acero (ELP)

Quem escuta hoje os sujeitos autistas? De que maneira escutamos seu saber silencioso? Atualmente a palavra do autista é muito desvalorizada a partir do momento em que se pretende convertê-la em um puro dito. As TCC propõem medir a produção verbal dos autistas e pretendem indicar o modo estandardizado de ser no mundo. Essa medida é hoje imposta pelos cognitivistas com um caráter claramente autoritário, a partir do momento em que procuram seduzir os governantes para obter deles o aval político para generalizá-la.

Acabamos de assistir na Catalunha a aprovação interdepartamental de um Plano integral para o cuidado do autismo, em que o processo diagnóstico na primeira infância não leva em conta a ampla formação de profissionais e a competência clínica que se esperava deles até então. Um terço desse texto é dedicado à explicação detalhada dos diversos testes aprovados internacionalmente para o diagnóstico do autismo. Eles deverão ser regularmente utilizados pelos pediatras, pelas enfermarias e até pelos professores das escolas. Estes poderão aplicar nos pais, pela primeira vez, diversos testes "breves e fáceis de usar" para lhes oferecer uma primeira orientação diagnóstica sobre o possível autismo de seus filhos. Também está prevista a aplicação desse tipo de avaliações ao longo da vida da criança.

A população dos pequeninos é hoje um claro objetivo das TCC que, com diversos grupos de famílias e em nome da prevenção, vão tratar de aplicar, desde sua primeira palavra, as técnicas de integração da criança na imagem

narcísica do mundo. E para chegar a isso, os cognitivistas levam o sujeito autista a dizer-lhes tudo e, além disso, em um momento imposto. O autismo se revela então como uma posição de defesa contra a intimação cognitivista, aquela que provém da demanda do outro de lhe dizer tudo. Suas palavras são assim mensuradas para fazê-los se calar, exigem-lhes um puro dito que leva a deixar em silêncio sua própria enunciação.

Falar e dizer coisas não são equivalentes, pois falar implica manifestar a expressividade do sujeito pelo viés do manejo das características prosódicas da linguagem. A entonação, a rapidez, o uso das cadências, a ênfase, a acentuação ou o ritmo são algumas das formas que a palavra assume em sua vertente fônica. Portanto, é conveniente que o sujeito tenha extraído o objeto voz do campo do Outro. É a voz que encarna a falta no campo verbal e - como aponta Jacques-Alain Miller - essa parte da cadeia significativa impossível de ser assumida pelo sujeito como "eu" é atribuída subjetivamente ao Outro². O ensino de Lacan permite situar nisso um fundamento do autismo, no exato ponto em que há dissociação entre a voz e a linguagem.

Encontramos certos sujeitos autistas que tiveram acesso à palavra, mas utilizando-a como ventríloquo do outro, se desincumbindo assim de colocar em jogo seu gozo vocal, sua presença e seus afetos. Seja sob a forma de frases interrompidas dirigidas que extraem do Outro o mesmo gozo, seja sob a forma das verbalizações que Kanner chamava de "linguagem de papagaio" ou "ecolalia diferida", é possível falar com Jean-Claude Maleval de *distúrbio da enunciação derivada de uma carência da identificação primordial*³.

Na realidade, as TCC se situam - e este é um problema grave - em conformidade com o "esforço" do autista de anular do campo da enunciação todo efeito de divisão da palavra. É então essencial poder transmitir esse ponto

crucial, que resulta da teoria lacaniana do sujeito, tanto aos diversos profissionais que, por manterem uma reflexão crítica se encontram divididos, quanto aos políticos que enfrentam um debate complexo e também aos pais dos sujeitos autistas. É a partir desse ponto cego da teoria cognitivo-comportamental que esta, exacerbando o modo de defesa do autista, o remete ao seu mais extremo exílio.

Há algum tempo recebi uma menina de 10 anos com um autismo severo, que havia passado por diversos tratamentos comportamentais, recebido fortes doses de medicamentos que ainda não tinha nenhum terapeuta de referência. Sua mãe queria que eu avaliasse o estado de sua filha, que ultimamente havia começado a se bater em momentos de forte angústia. Pude ter uma breve conversa com essa menina durante a primeira sessão, após um longo silêncio. Na realidade, não se tratava realmente de um silêncio, pois Annie, essa menina, produzia uma série de murmúrios ininteligíveis para mim, enquanto nos dedicávamos cada um a nosso quebra-cabeça, uma distração de grande importância para ela.

Analista (em voz baixa): Annie diz muitas coisas.

Annie: Sim... pão.

Analista: Ah, Pão! Na padaria há pão.

Annie: Confeitaria...

Analista: Ah! Na confeitaria há doces.

Longo silêncio.

Analista: Você virá outra vez me dizer mais coisas?

Annie: Sim, eu te direi supermercado.

Analista: Ah, no supermercado há muitas coisas!

Nesse momento, Annie se levantou e terminou a sessão.

Esse fragmento permite apreender que sempre há um lugar possível para que o Outro possa se situar em uma posição de escuta que torna eventualmente possível para o sujeito a cessão de seu objeto. No percurso do pão à confeitaria e ao supermercado, encontramos nesse sujeito,

sem solução de continuidade, a passagem de um contexto mental a outro, que vai da extração do objeto oral do campo do Outro até o significante representando o todo, o supermercado.

Longe de demandar ao sujeito autista que ele aumente sua defesa face ao desejo do Outro, condenando-o a um palavreado sem fim, o analista visa permitir ao sujeito autista, que não estranhe sua voz, que tome a palavra e regule assim um gozo vocal vivido em excesso. É o caso, por exemplo, da função do duplo para o autista, um elemento que o apazigua, que permite localizar nele o essencial do gozo, e que o sustenta para restaurar uma posição de enunciação, integrando o duplo no eu⁴.

Certos testemunhos de adultos, que se nomeiam eles próprios autistas, relatam um trabalho similar. Encontramos também uma operação desse tipo em Albert, o garoto de 21 anos, personagem principal do documentário *D'autres voix*⁵. Seu testemunho está centrado na busca incessante de um outro em espelho que permite integrar em um "eu" o gozo verbal desregulado. Seu palavreado incontrolável o mantém à distância do desejo do Outro, mesmo que isso não impeça que ele se dê conta de sua diferença em relação aos outros: *Eu tenho um outro aspecto. Todos nós temos um aspecto diferente. Meu aspecto é um pouco estranho. E vou dizer por que acho ele estranho, embora ninguém me tenha dito isso. Porque eu, às vezes, faço gestos ou coisas que outra pessoa não faria como eu. Então, sinto: "Oh, que esquisito eu sou" porque não pude fazer a mesma coisa que ele. Porque ele não me entende, e eu gostaria que ele me entendesse. É verdade que todo mundo tem suas esquisitices mas, como eu as exponho, elas passam a chamar minha atenção. E eis o mais interessante: nem tudo é o Asperger, eu tenho também meu próprio aspecto.*

É possível encontrar no que os autistas dizem o que Lacan chamou a *forma mais elementar da subjetividade*⁶.

Trata-se do que a psicanálise oferece ao tratamento do autismo: o acesso para cada um deles a uma modalidade mais moderada da rejeição de sua posição de enunciador, que lhes torna possível intervir no mundo.

Tradução: Inês AuTRAN Dourado Barbosa

¹ Texto apresentado nas 42^a Jornada da Escola da Causa Freudiana - *Autisme et psychanalyse*. Palais de Congrès, Paris. 6 de outubro de 2012.

² Miller, J-A. "Lacan et la voix". In: Quarto n° 54. Bruxelles. 1994.

³ Maleval, J-C. *L'autiste et sa voix*. Collection du Champ Freudien. Paris : Seuil. 2009.

⁴ Idem.

⁵ O documentário *Outras vozes*, realizado por Silvia Cortés e Iván Ruiz, foi oficialmente apresentado em Barcelona em 3 de abril de 2012. Ele reúne o depoimento de diferentes famílias de crianças e adolescentes com autismo, de Albert, o personagem principal do filme, e as contribuições de diversos psicanalistas da Espanha, da França, da Bélgica e da Itália, todos pertencentes à Associação Mundial de Psicanálise: [HTTP://youtube.com/watch?v=fXPpj8d4b8Q](http://youtube.com/watch?v=fXPpj8d4b8Q).

⁶ Lacan, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 9: a identificação*. Aula de 6 de dezembro de 1961. Inédito.